

DEZ NOTAS SOBRE VIEIRA DA SILVA

José-Augusto França

- 1 — Vieira da Silva é uma pintora de cidade fazendo-se. A estrutura dos seus quadros resolve-se sempre (como às cidades convém) numa multiplicação de circuitos empenhando a matéria viva das pedras (*ce sont hommes*).
- 2 — Já se imaginou um quadro de Vieira da Silva como um movimento cinematográfico invertido, em que o muro de tijolos se ergue do chão onde se desfizera e se reconstitui, cada célula retomando o lugar havido, por certeza de assim ter de ser.
- 3 — Já se viu nas formas de Vieira da Silva azulejos que são o que são, de barro, e o espelham, vidrados, num espaço assim criado em ambiguidade.
- 4 — Já se considerou a pintura de Vieira da Silva como teia de tear e com o teia de aranha, lentamente tecidas, uma e outra, como se fizesse, em tapeçaria, uma cidade, ou, no ar, uma armadilha para o olhar finalmente detido.
- 5 — Vieira da Silva já pintou bibliotecas (de J. L. Borges) como se pintasse cidades, e os livros imaginados são tijolos ou azulejos, de andar, reluzindo, rompendo a superfície fictícia do quadro.
- 6 — Vieira da Silva já falou de D. João de Castro em suas navegações de escolhos e perigos, desastres e surpresas — itinerário de ruas de mar, por antigas cidades desaparecidas.
- 7 — Perspectivas assim se constituem, fugindo e voltando-nos aos olhos: a regra é a de Alberti, mas a maravilha intervém (*cosa mirabile*) no seu correr, e os espaços cruzam-se, cada um por si e todos por cada qual.
- 8 — A isso se chama labirinto que é rede necessária e fatal de cada cidade, com sua gente e seus sinais.

- 9 — As cidades de Vieira da Silva não estão em sítio algum, entre Lisboa que deixou em suas pedras mortas de 1930 e Paris onde, ao longo de mais de meio século, foi tendo pedras alheias que reinventa para si.
- 10 — Vieira da Silva pinta aleatoriamente: só o sentido dos seus quadros está previsto (*toutes les méthodes sont aléatoires*) na sua utopia pessoal e provável.

... Tratava-se de justificar, aqui, porque é que Vieira da Silva ilustra este volume sobre as cidades.

Paris, Março 1988.